

O RENASCER VIANENSE

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA VIANENSE DE LETRAS

ANO II Nº 6 VIANA-MA, MAIO DE 2004



Editorial

A VIOLÊNCIA EM VIANA

Basta ligar a televisão para sentirmos o choque da violência cotidiana, em todo o país, manifestando-se pelas mais variadas formas, com requintes de crueldade e frieza.

As cenas do Rio de Janeiro, em dias do mês de abril, deixaram todos nós estarecidos e sem entender como era possível ocorrer fatos daquele porte, à vista de todos e em pleno ano de 2004. Coisas de cidade grande! Pensam alguns que nunca saíram do seu canto. Mas, logo os fatos demonstram o equívoco dessa conclusão. Bem aqui, perto de nós, em Colinas, no nosso Estado, bandidos fizeram uma verdadeira cena de faroeste americano, daquelas que assistíamos nos filmes do Cine Glória, com assalto a banco, tiroteios e reféns.

Chegando mais perto, na esquina da nossa casa, nos deparamos com a violência instalada em nossa cidade, desmistificando toda a imagem de Viana como uma cidade pacífica, cheia de poetas embevecidos com as águas do seu lago. As grades, nas janelas e portas das nossas residências, demonstram que vivemos na era do medo e da insegurança.

A propaganda que se faz hoje de Viana, em termos de violência, é negativa, principalmente para os que lidam com a Justiça, onde todos os crimes desembocam em sua anatomia crua e alarmante.

Os últimos homicídios e assaltos ocorridos em Viana dão conta de que a tranquilidade de outrora não existe mais. O desemprego de jovens, a migração desordenada do homem do campo para a cidade, as invasões, a baixa escolaridade dos jovens da periferia, a falta de um programa de assistência social a essas famílias e mais outros fatores, formaram essa onda de violência que se instalou em Viana e afastou aquela imagem plácida de cidade dos lagos, adormecida pelas suas paisagens idílicas.

A sociedade precisa despertar enquanto é tempo para essa situação caótica, pois juntos, a sociedade e os poderes públicos, ainda é possível combater esse quadro de violência, a fim de evitarmos dias piores para nossos filhos e netos.

EX-RESIDÊNCIA DOS DUAILIBE



Na Rua Grande, bem em frente ao Centro Cenecista Antônio Lopes, ainda continua de pé, esse belíssimo exemplar da chamada arquitetura neoclássica. Antes era um casarão tipicamente colonial, totalmente revestido de azulejos portugueses, com portas e janelas emolduradas, as quais exibiam vidraças multicoloridas. Era muito bonito observar, à noite, as cores vivas das vidraças, destacadas pela iluminação interior da casa. Ali residiram, em épocas distintas, figuras destacadas da cultura vianense, como o futuro médico e cientista, Sálvio Mendonça e a professora Zilda Dias Guimarães.

Anos depois, quando foi adquirido pelo comerciante Jorge Duailibe, o imóvel pas-

saria por uma reforma que lhe roubaria a feição original, para lhe emprestar a arquitetura com a qual se apresenta nos dias atuais. O encarregado da nova feição do prédio foi o dinâmico pintor e projetista, Nilton Aquino. Como não dava para salvar todos os azulejos arrancados das paredes, o artista vianense teve a sensibilidade, já naquele tempo, de utilizar as unidades retiradas intactas, para compor duas faixas de azulejos na parede externa, sendo uma superior e outra inferior. Entre estas, foram colocados alguns losangos, preenchidos pelos mesmos azulejos, que davam um toque artístico interessante à nova fachada do prédio. A entrada lateral pela Rua Grande foi também resulta-

do dessa reforma. Antes, a entrada principal era pela atual Rua Dom Hamleto de Angelis.

Atualmente, depois da última reforma executada pela administração municipal, o prédio perdeu a faixa inferior e os losangos centrais de azulejos, restando apenas a faixa superior para exibir a beleza daqueles pequenos mosaicos vitrificados que, um dia, revestiram toda a fachada do belo casarão.

Nota: Alguns desses raros azulejos soltaram-se da faixa lateral da Rua Dom Hamleto. Seria importante que a Prefeitura Municipal providenciasse urgentemente um reboco para preencher o espaço vazio e evitar que outras peças possam cair com o tempo.

AVL sob nova direção

No dia 4 de maio, data em que a Academia Vianense de Letras completava dois anos de atividades, realizou-se a cerimônia de posse de sua nova diretoria, eleita a 27 de fevereiro último.

A chapa vencedora, que terá a responsabilidade de dirigir a AVL durante o biênio 2004-2005, ficou assim constituída: presidente - Luiz Alexandre Brenha Raposo; vice-presidente - Ma-

ria de Fátima Rodrigues Travassos Cordeiro; 1º tesoureiro - José Henrique Nogueira de Carvalho; 2º tesoureiro - Norzão Lauro de Sousa Filho; 1º secretário - João Mendonça Cordeiro; 2º secretário - Maria Vitória dos Santos. Para o Conselho Fiscal foram escolhidos os seguintes acadêmicos: José Pereira Gomes, Lourival de Jesus Serejo Sousa e Rosa Maria Pinheiro Gomes.

Biblioteca Municipal Ozimo de Carvalho

Nossas congratulações ao prefeito Dr. Messias Costa e sua Secretaria de Cultura pela inauguração da Biblioteca Municipal Ozimo de Carvalho. Apesar da existência de algumas pequenas bibliotecas nas principais escolas da cidade, há muito que Viana se encontrava carente de um espaço adequado e provido de maior acervo, onde a juventude e as pessoas em geral pudessem se dedicar à leitura e pesquisa.

Viana está de parabéns por essa importante conquista!

HONRA AO MÉRITO - JOSÉ MENDES PINHEIRO

A grande novidade

Pollyana Gouveia Mendonça (*)

Aproximadamente em 1947, portanto no pós-guerra, o Zé Duarte chegou em Viana. Era um caminhão FARGO de cor verde, adquirido na capital pelo abastado comerciante e industrial, José Mendes Pinheiro. A chegada do veículo motorizado à cidade provocaria, naturalmente, o maior dos reboliços.

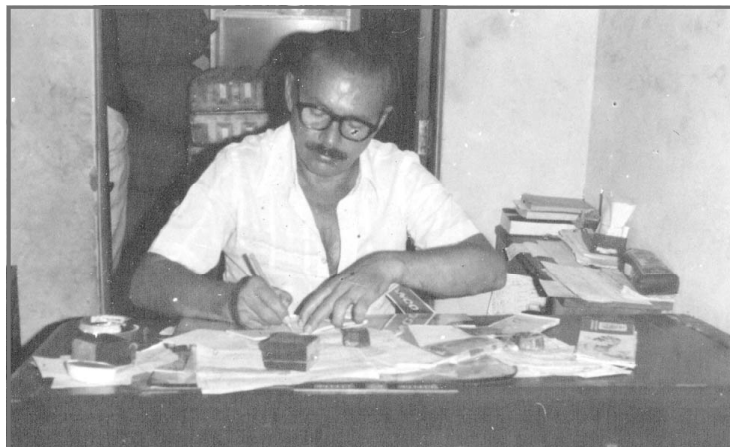
O caminhão foi comprado por ocasião da abertura das primeiras estradas que ligavam os povoados à sede do município. Chegou desmontado, trazido por via fluvial. O chofer Catarino Neves, assessorado por alguns ajudantes, iniciou o difícil trabalho de montagem do veículo, na beira do lago, sob os olhares atentos de uma multidão de curiosos.

Por esse tempo, boa parte da população vianense nunca tinha visitado São Luís. Dessa maneira, embora alguns raros veículos motorizados já houvessem passado pela cidade, presenciar a montagem de um caminhão era algo de inusitado que instigava a curiosidade de grande número de pessoas.

Catu, por essa época, já havia estado na capital e visto um caminhão daqueles, mesmo assim não perdeu a oportunidade de se juntar aos demais curiosos que se agrupavam na praia. O trabalho era lento, mas o pessoal não arredava o pé. Nada era mais interessante, naquele momento, do que assistir ao paciente trabalho do motorista, que testava uma por uma todas as peças do veículo. Quase ao final da montagem, quando o Catarino resolveu experimentar a buzina do carro, foi um Deus nos acuda! O som estridente da sirene rompeu o silêncio e propagou-se pelo ar, provocando instantaneamente o pânico coletivo! Em desabalada carreira pelo campo, a assistência se dispersou em questão de segundos. Ao lado do caminhão só ficaram o mecânico e uns poucos corajosos. Catu não foi um deles. Contagiado pelo desespero geral, correu o mais rápido possível para bem longe dali.



Na festa de seu 80º aniversário, José Mendes Pinheiro rodeado pelo carinho dos filhos



José Pinheiro quando trabalhava ainda em Viana na antiga Fábrica Santa Maria

Ex-empresário vianense será homenageado pela AVL

O empresário José Mendes Pinheiro será homenageado pela Academia Vianense de Letras, no dia 21 de maio próximo, às 20 horas, na sede do Grêmio Recreativo Vianense, antes da cerimônia oficial de posse do novo acadêmico, Dr. José Antônio Rosa Castro, que ocupará a Cadeira de nº 22 da AVL.

José Mendes Pinheiro, que completou recentemente 80 anos de idade, é merecedor desse justo reconhecimento, por parte de seus conterrâneos, pelo dignificante exemplo

de vida dedicada ao trabalho e pelo inquestionável amor devotado à sua cidade-berço.

José Pinheiro, como é mais conhecido, residia e dirigia seus negócios no histórico sobrado amarelo, sede da antiga Fábrica Santa Maria. Admirado e respeitado pela população vianense de sua época, o comerciante que se transformou num empresário dinâmico e arrojado, foi o responsável, entre outros feitos, pela construção das primeiras estradas que ligaram os povoados à sede do município.

Duarte. O monsenhor Arouche, clérigo respeitado e muito conhecido pelo dom da oratória, foi convidado para abençoar aquele novo meio de transporte. A festa, todavia, acabaria em tragédia.

Muito contrariado, por imposição materna, Catu teve de ir para a Fazenda Ponta, no exato dia em que o batizado do Zé Duarte aconteceria. O desejo de ficar para tomar parte da festa era grande, já que todos os seus amigos estariam na agitação. Sem o menino saber, Deus o estava livrando de um grande risco de vida.

Após o batizado, o caminhão saiu para um passeio inaugural até o Caminho Grande. A carroceria do veículo ia apinhada de gente. Já fora do perímetro urbano da cidade, ao tentar fazer o retorno, o caminhão subiu numa barreira e capotou, jogando fora todos os seus passageiros. Um garoto, chamado Sebastião, mais conhecido pelo diminutivo de Baco, que era amigo de Catu, faleceu em decorrência do desastre.

* Texto extraído do livro, a ser publicado, **Catu – Um Vianense**.

Diálogo possível para bem longe dali.

Dias depois, uma grande festa com banda de música e foguetes foi preparada para o batizado do caminhão Zé

O RENASCER VIANENSE

Diretor/Redator: Luiz Alexandre Rapôso

Endereço: Rua Antônio Lopes, 459 - Viana - MA
CEP: 65.215-000



UM ACADÊMICO, UM PATRONO

KALIL MOHANA

O Mestre Peregrino

Luiz Alexandre Rapôso

Filho de libaneses, ele nasceu em Viana no dia 10 de novembro de 1935. Seus pais, Miguel Abraão Mohana e Anice Mohana eram primos, chegados ao Brasil logo após a I Guerra Mundial. Depois de rápidas passagens pelas cidades de Grajaú e Coroatá, fixaram-se por algum tempo em Bacabal, onde nasceram os primeiros filhos, João e Laura. Logo se mudariam para a próspera Viana do início do século XX, aqui se fixando por muitos anos e onde nasceriam os outros cinco filhos: Ibrahim, Olga, Kalil, Julieta e Alberto.

O começo da vida escolar do menino Kalil foi meio tumultuado, em virtude das mudanças da família. Iniciou os estudos no Grupo Escolar Estevam Carvalho, ainda em sua cidade natal. Em 1944, aos nove anos de idade, mudou-se com a família para São Paulo, cursando duas séries primárias no tradicional Ginásio Conselheiro Lafaiete, na capital paulista. Dois anos depois, a família Mohana resolveu retornar ao Maranhão, fixando residência definitiva em São Luís.

Kalil fez o restante do curso primário e todo o ginasial no Colégio Marista. No primeiro ano do antigo científico, estudou no Ateneu Teixeira Mendes, transferindo-se, no ano seguinte, para o Colégio São Luís, dirigido pelo conceituado Professor Luís Rego e considerado, na época, um dos melhores da capital. Ali, concluiu o segundo grau e foi aluno de mestres famosos, como Ronald Carvalho, Clodomir Caldas, Areias Guimarães e do próprio Luís Rego.

Em 1960, Kalil bacharelou-se em Geografia e História (cursando mais

um ano de licenciatura), pela antiquíssima Faculdade de Filosofia, posteriormente encampada pela UFMA. Na Universidade, teria como professores os não menos renomados Domingos Vieira Filho, Mário Meireles, Maria de Jesus Carvalho e Padre Alípio de Freitas, entre outros.

Vocacionado para o magistério, o novo profissional dirigiria toda sua vida e suas energias para as salas de aula. Começou a ensinar no Colégio Marista, lecionando Geografia e História, matérias de sua formação curricular. Sem descuidar-se, todavia, da necessidade crescente de maior aperfeiçoamento, o jovem professor concluiria também o curso de Pedagogia em 1962, aproveitando, para tanto, alguns créditos da primeira graduação. No ano seguinte, como convidado da Inspeção Seccional do MEC, fez um curso de especialização em didática e psicologia, que o habilitava para a formação de novos professores. O treinamento, realizado em Brasília, também o capacitava para a coordenação da CADES (Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário), órgão responsável pela preparação do corpo docente para o 1º e 2º graus de todo o Estado.



Kalil Mohana aplicaria, no ensino maranhense, o inusitado método psicogenético, o qual consistia em estimular o raciocínio dos alunos na busca de soluções para questões-problemas, levantados em classe. Dinâmico e inovador, também descobriria outra maneira de despertar o interesse dos jovens estudantes pela geografia e pela história contemporânea do país. Iniciou o ciclo das viagens de estudos pelo Maranhão e pelo Brasil. Foram 36 viagens somente com alunos do Colégio Marista.

Em 1970, aprovado em 1º lugar para o Departamento de Estudos Complementares - do qual se tornaria chefe durante 25 anos - da Escola de Engenharia do Maranhão, passaria a ministrar aulas de Estudos Brasileiros e Ciência Política naquela importante instituição de ensino superior. Em pouco tempo, lecionaria também na Escola de Agronomia que, mais tarde, faria parte da FESM (Federação das Escolas Superiores do Maranhão), hoje, UEMA.

Com a bagagem adquirida e fazendo uso de sua brilhante oratória, Kalil trilharia uma trajetória marcante no ensino universitário. Além do conteúdo consistente de suas disci-

plinas, transmitido em sala de aula, realizou um total de 94 viagens com formandos de Engenharia, Agronomia, Veterinária e Administração. Foram 30 viagens à Hidrelétrica de Tucuruí, 12 à Usina Nuclear de Angra dos Reis, 30 ao Rio Amazonas e várias outras às capitais do sul e sudeste, as quais se tornariam, no transcorrer de quase duas décadas, uma tradição para os bacharelandos da UEMA. Ao todo, incluindo os estudantes do Marista, entre 1960 e 1997, o mestre peregrino proporcionaria, a cerca de 3.200 jovens, o prazer de descobrir as belezas, riquezas e potencialidades deste imenso Brasil. Essa original experiência daria subsídios ao livro, de sua autoria, intitulado “Viajando e Educando – As Grandes Viagens”, lançado em 1998.

Viajante inveterado, o titular da Cadeira nº 8, da Academia Vianense de Letras (que tem o próprio irmão, João Mohana, como patrono), já visitou os cinco continentes do planeta, conhecendo seus principais países. Esteve em cidades longínquas como Bagdá no Iraque, Teerã no Irã, Bali na Indonésia, Bombaim e Calcutá na Índia ou o Cairo, no Egito. Aos 68 anos de idade e três pontes de safena, o veterano professor (aposentado desde 1997) continua excursionando pelo país, a fim de se distrair e de se manter atualizado sobre a sempre contrastante realidade brasileira.

Depois de 37 anos de relevantes serviços prestados à educação maranhense, o Professor Kalil Mohana deixa sua máxima para a posteridade: “O educador se imortaliza em cada homem que educa, pois se eterniza em cada coração que ajuda a formar”.

ANTÔNIO LOPES

Um notável homem das letras

Carlos Gaspar (*)

O que segue abaixo jamais deve ser considerado um estudo biográfico de Antônio Lopes da Cunha. Muito menos há de ser visto como análise da produção científico-literária desse ilustre vianense, nascido a 25 de maio de 1889. Dado a que se destina, constam aqui algumas referências ao notável homem de letras, um dos fundadores da Faculdade de Direito de São Luís, em 1918, ao lado de Fran Paxeco, Henrique Couto, Domingos Perdigão e outros, na qual ocupou a cátedra de Filosofia do Direito.

Em 1911, concluído seu curso de ciências jurídicas, na cidade de Recife, voltou a São Luís, onde já residira, em companhia dos seus pais, o desembargador Manuel Lopes da Cunha e D. Maria de Jesus Sousa Lopes da Cunha. Anos antes, seu pai havia sido eleito governador do Maranhão, por influência de Benedito Leite, para cumprir o mandato de 1902/1906. No entanto, já em novembro de 1903, provavelmente por ter resolvi-

do fixar residência no Rio de Janeiro, Manuel Lopes da Cunha transfere a chefia do Executivo a Raimundo Nogueira da Cruz e Castro, pela ordem o 3º vice-governador eleito em sua chapa, uma vez que o 1º e o 2º, respectivamente, Alexandre Colares Moreira Júnior e o Capitão-Tenente Oton Bulhão, se achavam ausentes do Estado.

Foi durante os seus estudos em Recife que Antônio Lopes deu os seus passos iniciais na atividade literária,



ao lançar Litania da Morte, a primeira obra de sua produção, diversificada esta em múltiplas facetas, todas de extrema importância. Seguindo esses caminhos, demonstra sua sólida formação cultural, que o capacita a contribuir, sobremodo, para o engrandecimento das letras maranhenses. Aliás, antes, bem antes, segundo nos informa a Editora Civilização Brasileira, na “Nota Prévia” que antecede a “Introdução” de **Pre-sença do Romanceiro**, ele já ha-

via fundado, em sua terra, a **Revista Vianense**, ao lado de Mariano Couto e José Belo Carvalho, “manuscrita, em folhas de papel azul de embrulhar rebuçado”.

Josué Montello, ao fazer uma apreciação acerca das atividades do autor de **História da Imprensa no Maranhão**, talvez convencido da obsessão que este possuía pela imprensa, afirmou: “Tudo o que escreveu, Antonio Lopes disseminou em jornais e revistas”. De fato, suas atividades jornalísticas foram intensas, e seria exaustivo enumerá-las.

Antonio de Oliveira, consagrado escritor maranhense, que ocupou a cadeira nº 30, da Academia Maranhense de Letras, patronada por Teixeira Mendes, nas páginas introdutórias daquele livro, não poupa elogios ao consagrado homem de imprensa. Assim ele se expressa: “Antônio Lopes foi um jornalista completo. Na “Pacotilha”, no “O Imparcial” e no “Diário do Norte” muitas vezes fazia quase sozinho todo o jornal. Desde o artigo de fundo, versando os assuntos mais diferentes,

Antônio Lopes ...

como política, urbanismo, guerra, literatura ou história . . .” E segue a apreciação, enaltecendo esse grande homem que foi um dos fundadores da Associação Maranhense de Imprensa e seu presidente. Vale ressaltar que os primeiros artigos da lavra de Antônio Lopes foram escritos quando ainda se encontrava ele em Recife, remetidos para publicação no “Diário do Maranhão”.

No aspecto magisterial, mencione-se sua atuação como Diretor da Instrução Municipal, oportunidade em que introduziu nesse órgão uma gestão mais dinâmica, de alta eficiência, além de imprimir os novos conceitos da Escola Nova. Exerceu, também, mediante concurso, a cátedra de Literatura, no Liceu Maranhense, com a mesma capacidade que o notabilizou na Faculdade de Direito de São Luís, embora naquele estabelecimento de ensino já ministrasse aulas de Geografia e Francês, interinamente, e, depois, Sociologia e Filosofia. A respeito de sua condição de professor, é antológica a crônica que a ele lhe dedica Josué Montello, seu antigo discípulo, contida em “Estampas Literárias”, em que narra o primeiro encontro com o historiador do jornalismo maranhense.

No estudo da História, menor não foi sua contribuição, manifestada através de artigos, ensaios e livros publicados. Estudioso sem concorrente do “Dicionário Histórico e Geográfico da Província do Maranhão”, elaborado por César Marques e publicado em 1870, dele foi um analista de primeira grandeza. Examinou, em detalhes, até quando a saúde lhe permitiu, inúmeros verbetes da citada obra, completando-os e retificando-os no que se fazia necessário, feitura imensa que deixou, salvo engano, ainda manuscrito, e que está a servir para uma agora nova e completa revisão, onde, naturalmente, serão incluídas as observações que deixou. Torna-se indispensável fazer menção a ***Alcântara - subsídios para a história da cidade***, um trabalho necessário, como poucos, para que se possa entender o desenrolar da antiga Tapuitapera, seu apogeu e sua decadência. E assim, muitos outros trabalhos realizou, com absoluta propriedade e desusado conhecimento.

Mais uma rápida abordagem acerca do homem que, embora em período curto, 1926, chegou a ser Intendente Municipal. Fascinou-se pelo folclore, sob o ponto de vista do caráter científico, aliás, seguindo a trilha de Celso Magalhães, seu tio. Publicou ***Presença do Romanceiro***, o mais importante trabalho acerca do romanceiro já publicado no Brasil. Este tema é tão fascinante quanto extenso e merece ser tratado em oportunidade mais adequada.

Antônio Lopes, fundador e secretário perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, faleceu em São Luís, a 29 de novembro de 1950. Imortalizou-se mais pelas obras que nos legou do que por ter ocupado a Cadeira nº 13 da Academia Maranhense de Letras, patronada por José Cândido de Moraes e Silva.

*Carlos Gaspar é empresário, jornalista e escritor. Ocupa a Cadeira nº 1, da Academia Vianense de Letras, da qual Antônio Lopes é o patrono.

VIANA

PRINCESA OU RAINHA DA BAIXADA?

Rogério Castro Gomes (Rogério do Maranhão)

Movidos por uma profunda baixa estima, que parece ter se abatido sobre a população em geral, frente ao abandono a que Viana foi entregue nas últimas décadas, rebaixamos nossa cidade, trocando-lhe o título de rainha por princesa da Baixada. É sintomático assim, que a única casa lotérica vianense intitulou-se de “*Princesa da Baixada*” e um dos principais postos de combustível escolheu o nome de “*Princesa dos Lagos*”.

Poderíamos tentar disfarçar a questão, usando a justificativa de que o nome princesa é mais poético, mais carinhoso ou mais seja lá o que for. No entanto, é indisfarçável o sentimento de inferioridade que nos assalta, frente a outros municípios maranhenses em melhor estado de conservação.

Durante décadas, Viana ostentou os mais variados títulos que bem destacavam sua importância econômica e cultural, ou mesmo sua privilegiada situação geográfica. Assim a cidade ganharia o *status* de *Rainha da Baixada* e ficaria ainda conhecida com *Cidade dos Músicos*, *Veneza Maranhense* ou, romanticamente, *Cidade dos Lagos*!

Na verdade, pouquíssimas cidades no Brasil, ao longo de sua história, puderam se vangloriar de tantos e tão nobres títulos. Vale lembrar também que tais denominações invariavelmente eram dadas por pessoas vindas de fora e que, aqui chegando, se deslumbravam com o desenvolvimento de nossa cidade, com nossa cultura ou com nossas belezas naturais. Ao retornarem para São Luís ou outros locais de origem, exaltavam o que aqui viram ou presenciaram, inclusive a hospitalidade do povo da terra.

No passado, não foram poucos os jornalistas e pessoas ligadas ao meio cultural que visitaram Viana, atraídos principalmente pela fama das tradicionais e pres-

tigiadas festas religiosas de Nossa Senhora de Nazaré, Santo Antônio, São Sebastião, São Benedito e outras mais. Dessa forma, Viana ia sendo reverenciada pela imprensa escrita da capital com títulos que bem faziam jus aos seus méritos.

O tempo passou, décadas se foram e muita coisa mudou em Viana. A maioria dessas coisas, infelizmente, mudou para pior. As fervorosas festas religiosas de Nazaré, Santo Antônio e São Sebastião, que atraíam romeiros de todos os cantos do Estado, não mais acontecem e as poucas que ainda subsistem, há muito perderam a importância e o brilho de outrora.

A harmoniosa cidade de bela feição colonial de ontem, cedeu lugar a uma Viana desumana e descaracterizada de seus padrões arquitetônicos originais. Entre ruínas de casarões abandonados, o trânsito desorganizado de carros, caminhões e moto-táxis disputam espaço com o pedestre, nas ruas estreitas de calçadas quase inexistentes.

No âmbito cultural, torna-se doloroso relembrar fatos que, contados hoje, mais parecem lendas do passado do que uma realidade não muito distante. Em Viana, existiram grandes orquestras compostas por músicos de alto gabarito. Maestros notáveis e compositores brilhantes formavam novas gerações de excelentes profissionais, que eram exportados às dezenas para São Luís e outras capitais do país. A cidade acabaria, dessa maneira, ganhando invejável notoriedade na arte musical.

Todavia, em que pesem tantas perdas e prejuízos, Viana ainda é a Rainha da Baixada Maranhense. Não podemos negar que esta rainha se encontre atualmente maltratada, revelando uma aparência não condizente com sua realidade. Culpa exclusivamente nossa, por não sabermos escolher pre-

feitos e vereadores preparados e sintonizados com as necessidades básicas de uma cidade que se deteriora, a olhos vistos, a cada ano que passa.

Qual o vianense que não sente vergonha, ao passar pela Avenida Luís Couto, principal via de acesso à cidade, tal o estado de abandono que a mesma se encontra? Quem não sente preocupação ao ver o esgoto a céu aberto continuar escorrendo pelas nossas ruas, embora os recursos financeiros para essa tão prioritária obra já tenham sido liberados? E os buracos provocados pelo afundamento dos paralelepípedos da Rua Grande e outras artérias centrais da cidade? O descaso com o Parque Dilú Mello, principal área de lazer e cartão postal da cidade? Esses e tantos outros graves desmazelos afetam seriamente a fisionomia de nossa querida Viana e fazem baixar a auto-estima de qualquer cidadão por mais indiferente ou alienado que seja.

Enquanto não aprendemos a eleger administradores mais sensíveis, resta-nos o consolo de lembrar, como diziam os antigos, que “*quem foi rei nunca perde a majestade*”. Sob essa ótica, mesmo forçada a se apresentar em trajes indignos, Viana ainda continua rainha! Afinal, uma rainha não se firma apenas por sua beleza externa. A história e o currículo também pesam. E nesse quesito, somos imbatíveis. Não existe, por exemplo, nenhuma outra cidade da região que tenha, como Viana, fornecido tamanha plêiade de filhos ilustres ao cenário intelectual, político e cultural do Estado e até do país. Somos a quarta cidade mais antiga do Maranhão e temos uma rica história de dois séculos e meio para contar. Isso basta para qualquer vianense encher o peito de orgulho e exigir das autoridades municipais maior respeito com aquela que foi e sempre será a Rainha da Baixada Maranhense.

DANIEL FRANCO, o último boêmio

Lourival Serejo

Quando as serenatas ainda faziam a alegria dos namorados e davam um toque romântico às noites enluaradas de Viana, a voz de Daniel Franco enchia aquele espaço de nostalgia e despertava sentimentos diversos. Acompanhado do saxofone de Seu Nunes, do banjo de Garça ou de qualquer outro músico, com um simples pandeiro, Daniel Franco soltava suas voz, interpretando Nelson Gonçalves, Anísio Silva, Orlando Dias e tantos e tantos outros, fazendo calar os paralelepípedos de tanta emoção, pois ele cantava com paixão, avermelhado, de olhos bem abertos, com o peito inflado, como se quisesse ser escutado pela cidade inteira.

No meu livro *Do alto da Matriz* ainda fiz uma ligeira referência ao seu nome, imaginando-o cantando *Perfume de Gardênia*. Ele merecia, porém, mais do que isso, tanto que fez pela boemia vianense.

Agora, com sua morte, faço-lhe esta breve homenagem, em nome de todos os seus amigos, com a certeza de que lá no céu ele estará fazendo serenatas, junto com Jaime Pinto, Manoel Dominice, Zé Piteira, Zeca Serejo, Belo Gomes, Zé Fugido e tantos outros que já se foram.

Não há dúvida de que perdemos nosso último boêmio, representante de um tipo clássico que não existe mais e que muito contribuiu para afastar a monotonia das nossas noites sem luz elétrica, sem radiolas e sem televisão.

DO ALTO DA MATRIZ

Já se encontra à venda na Farmácia Serejo o livro DO ALTO DA MATRIZ, do escritor vianense Lourival Serejo, em segunda edição.

Houve uma revisão geral da 1ª edição com o acréscimo de nomes e fatos das memórias do autor. Vale a pena conferir.